

MÓBIL E CADERNO DA TERRA

o arcebispo de Armagh calculou em 1650
que o mundo começou no ano lacónico de 4004 a. C.
no dia 26 de Outubro às 9 horas da manhã

(a 10 de Novembro
menos de um mês depois
dá-se a expulsão do Paraíso)

como se tivessem disposto salsa ou hortelã num vaso
ou feito explodir a estação pura de dentro da era
grotesca dos patriarcas

nessa manhã séculos depois
Erwin Schrödinger bebia da boca de um pássaro um oceano novo
colapso chamemos-lhe assim de um abacate verde-abacate
poisado na fruteira da cozinha muitos metros afastada
do início dos tempos

olho a Terra, vazia, incomum

fique o leitor apenas pelas assunções do poema
único método de mover o desusado tecido da realidade
sumo de um cacho amargo a minha grande surpresa
cachos de teóricas uvas uma maçã de asserto quântico
polpa, dígito, osso malar

primeiríssimo calendário

APROPRIAÇÃO DO ROSTO DE GUIDO GEZELLE

sem saber de quem, um rosto
num carimbo comprado em antiquário na cidade de
Gent — Verão setentrional de 2003

a figura: um velho de olhar branco, homem
sereno, sábio olhar de alabastro, um clérigo

que eu tinjo em almofada de tinta azul
fazendo dela ferro, selo, timbre com que
assinalo propriedade em folhas de rosto
de livros que adquiero, ou remetente
em cartas e
bilhetes efémeros

também na capa do meu primeiro (talvez
único) livro de poemas

o carimbo assume a competente assinatura minha
extorsão de um rosto flamengo manso como líquen em muro
camponês

eu só não queria vir a descobrir depois
que afinal o rosto pertence a um desses sotainas da Opus Dei
mas Gent é talvez longe quiçá nunca se viesse a saber

passaram-se anos já não esperava que se quebrasse
o anonimato mas a vida reserva-nos algumas surpresas e por vezes
apresenta-se-nos como se estivesse à nossa altura

tirei um livro da minha estante, ofereci-o a T. de férias em Lisboa
T. vive em Bruxelas, trabalha em Bruges
numa dessas viagens diárias de comboio de um lugar a outro
aconteceu que um belga abriu esse livro (a propósito: Memórias

póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis)
na página de rosto, onde o rosto

de olhar cã, alvíssimo, se deixou
de imediato reconhecer

T. trabalha na cidade do *indispensável* poeta
flamengo Guido Gezelle, padre católico do séc. XIX
no edifício do Grootseminarie que ele dirigiu
disse-mo por telefone agora mesmo

estou contente por se ter descoberto enfim Guido Gezelle

MAREÓGRAFO

a folhagem
agita-se sobre os bastidores
deste texto

leio:

«quem passa o cabo Maleia abandona a pátria»
na esplanada do Príncipe Real a copa
oferece uma folha à mesa onde reúno ruína e Agosto
reorganizo a rota o plano de voos

belas são as rosas deste mês quente nas bermas
em todos os quintais das casas
na estrada para Góis
sobrevivem ao tráfego violento
dos motards

vejo-as excessivas junto ao lago do Jardim da Estrela
quando corro para o eléctrico que tardará como tu
nesta holocénica época da minha espera
dentro da noite

tomo nota de dispersas canções em guardanapos
palavras estrangeiras o comércio dos olhares
a água doce dos gestos o latido de um cão

Lisboa caminha em geral para o Oriente Próximo
do Outono

na mesa atrás alguém nomeia os sábios do séc. XVI
esses que considerariam escandaloso o erotismo sonoro
da palavra *Macintosh*

leio hora a hora o desenho dos polígrafos
meço marés com o rigor nefelibata dos amantes

espalho na superfície interior dos lugares
barómetros, barógrafos, anemómetros

insisto em espiar o gelo da Antárctida
mas a vida segue o seu ciclo desmedido
na completa ignorância deste poema